

ASPECTOS HISTÓRICOS DO ESPORTE E DO LAZER

Cleber Dias

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil

Já é lugar comum destacar o crescimento no Brasil de um campo de pesquisas especializado no lazer. A própria existência de uma Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer, bem como de uma Revista Brasileira de Estudos do Lazer, que já é a segunda publicação temática do país, ao lado de uma série de outras iniciativas acadêmicas sobre o assunto, confirma a percepção generalizada que se tem a esse respeito.

Nesse contexto por vezes vibrante, um hiato salta aos olhos: é crônica ainda a falta de pesquisas e reflexões históricas sobre o lazer. O diagnóstico exige ao menos duas reparações. Primeiro, não seria exatamente o caso de afirmar que não existem pesquisas e reflexões históricas sobre o lazer no Brasil. Algumas dezenas de boas publicações disponíveis sobre o assunto logo nos desmentiriam. Segundo, deve-se reconhecer também que quaisquer limitações sob este aspecto não é um privilégio brasileiro. Por mais de uma vez, revisões e balanços bibliográficos internacionais sobre os estudos do lazer têm chamado atenção para as mesmas ausências.

Onde estão, afinal, as pesquisas históricas sobre o lazer? Porque estudiosos do lazer se interessam tão pouco pela história deste fenômeno? E porque historiadores costumam ter tão pouco apreço pelos problemas do tempo livre? Se não fosse este o caso, porque pesquisas históricas sobre o lazer seriam sempre mencionadas sob o desígnio da ausência ou da insuficiência? Seria esta ladainha a mera expressão de um desconhecimento sincero ou de uma vaidade frívola a fim de valorizar o próprio trabalho? Ou seria apenas autêntica consternação diante de carência bibliográfica verdadeira? Afinal, temos abundância ou escassez de pesquisas sobre esse assunto?

Diferente do que aconteceu com a sociologia do lazer, que conquistou lugar institucional especializado no universo mais amplo da sociologia, não há uma tradição de fóruns, associações ou publicações exclusivamente dedicadas à história do lazer no âmbito das instituições acadêmicas disciplinares da história. Ao menos em parte, esta característica talvez ajude a explicar o sentimento tão frequente de que existem poucas pesquisas históricas sobre o lazer.

Faltar-lhes-iam organicidade institucional em favor de impulsos mais organizados e sistêmicos para pesquisas do assunto. O problema não seria carência de neurônios, portanto, mas sim insuficiência de sinapses.

Além disso, temos aí um problema epistêmico mais profundo, semelhante àquele que afetaria uma antropologia do lazer – que por sinal também nunca gozou de espaços institucionais privilegiados no seio da grande família antropológica. Por caminhos tortuosos, historiadores e antropólogos se debatem com problemas comuns, que dizem respeito, basicamente, ao esforço intelectual de tentar apreender categorias de inteligibilidades nativas, seja de grupos de outrora, seja de grupos de alhures. Em se tratando de estudar o outro, sugere já o aforismo, tanto faz se olhamos para trás ou se olhamos para o lado. É sempre o desafio de capturar e compreender alteridades o que se anuncia. Em todo caso, nem sempre, ou quase nunca, as categorias de inteligibilidade desses grupos coincidem com os valores de uma civilização urbana e industrial, tradicionalmente associados ao lazer, tal como costumamos tratá-lo.

Se as preocupações com os modos como as pessoas usufruem os seus tempos desafiam e apresentam novos problemas para a pesquisa histórica, preocupações históricas com o lazer também tencionam até os limites, ou às vezes além dos limites, o que seria uma definição adequada do lazer. Assim, a opção em estudar a história do lazer tende a pôr o pesquisador em permanente zona de inquietação disciplinar. Embora definitivamente não seja o que poderíamos chamar de um lugar confortável para se trabalhar, a “história do lazer” encerra também essa maravilhosa virtude de oferecer incessantemente, sem tréguas, provocações de várias ordens. Instabilidade e desassossego intelectual é tudo o que se pode desejar de uma prática acadêmica dedicada e diligente.

Como se vê, são muitos os desafios que cercam a pesquisa histórica sobre o lazer. Seria presunçoso supor que uma iniciativa isolada corrigiria, de um só golpe, problemas teóricos, epistemológicos, conceituais e metodológicos tantos e tão complexos, cujas resoluções, ademais, exigem o empenho orquestrado de toda uma comunidade de estudiosos, por um período de tempo mais ou menos longo. Reunir pesquisadores novos ou nem tão novos, apresentando-os e incentivando-os é só mais um pequeno passo nessa direção.

Precisamente nesse sentido, este dossiê sobre “aspectos históricos do esporte e do lazer” reúne quatro artigos. O primeiro, de Joyce Nancy da Silva Corrêa, aborda a história dos esportes no Acre em princípios do século XX. Região brasileira inteiramente desprezada pela bibliografia especializada em lazer, a simples iniciativa de estudar o Acre já mereceria menção honrosa. Mais que isso, porém, a autora o faz a partir de um conjunto relativamente amplo de

fontes primárias inéditas, articulando, além disso, o entendimento histórico sobre os esportes com o contexto político e econômico mais amplo que afetava a região no período.

O segundo artigo, de Eliza Salgado de Souza, investiga a história dos esportes em Manaus. Mais especificamente, a autora analisa as atividades de um clube esportivo criado na cidade em fins do século XIX. Apesar da ênfase esportiva da associação, na prática, o Sport Club Amazonense, que era o nome como se chamava o tal clube esportivo, dedicava-se a uma série de outras atividades de lazer, de tal sorte que lazer e esportes compunham uma teia bastante intrincada de significados, a que o artigo então tenta esmiuçar.

O terceiro artigo, de Roberto Camargos Malcher Kanitz, analisa a história do futebol operário em Minas Gerais. Por meio de uma pesquisa sobre o Vila Nova Futebol Clube, famosa e pioneira equipe de futebol de Minas Gerais, o autor examina as circunstâncias históricas que incentivaram o envolvimento de uma empresa de mineração com a criação e com o apoio de um time de futebol especialmente voltado aos seus trabalhadores. Em contexto específico, é a velha oposição entre controle ou descontrole de trabalhadores por atividades de lazer o que o Kanitz revisita.

Finalmente, o quarto artigo, de Priscila Gonçalves Soares, fechando o dossiê, trata da história do lazer e dos esportes na antiga Escola Agrícola de Rio Pomba, no interior de Minas Gerais, na década de 1960. Dessa forma, a autora ilumina o papel histórico de instituições educacionais para o desenvolvimento de estruturas e costumes de lazer, em período histórico relativamente pouco considerado na historiografia brasileira do lazer.

Em conjunto, todos os artigos compartilham duas características que podem ser importantes para uma eventual agenda de pesquisas especializadas na história do lazer. Primeiro, inserem a análise de práticas específicas, no caso, os esportes, no âmbito mais amplo do lazer. Abordagem do mesmo tipo deveria estar no horizonte do estudo histórico do teatro, do cinema ou do turismo – só para citar as práticas mais usualmente consideradas por pesquisas históricas.

Em segundo lugar, todos os artigos se dedicam ao estudo histórico do lazer em regiões que poderíamos classificar, de maneira imprecisa e na falta de um adjetivo melhor, de “periféricas”, isto é, regiões fora dos centros econômicos, culturais e acadêmicos hegemônicos, e que por isso mesmo gozam de pouca representatividade simbólica na vida do país. O estudo de particularidades regionais pode ser outro aspecto relevante na construção dessa desafiadora agenda histórica para o lazer.

Que algum grupo de estudiosos possa e queira levar adiante tais ambições. Pesquisadores brasileiros do lazer, uni-vos. Com certeza, há muito a fazer.

Ótima leitura.

